

SOBRE A EXISTÊNCIA DE UMA “REDUÇÃO FENOMENOLÓGICA” EM PSICANÁLISE

Carlos Morujão

Universidade Católica Portuguesa

Se não conseguirmos ver com clareza,
pelo menos veremos claramente as obscuridades.
(Freud, *Inibição, Sintoma, Ansiedade*, cap. VII.)

1. Psicanálise e fenomenologia

É, certamente, do conhecimento geral uma pequena história contada por Ernest Jones no segundo volume da sua mômumental biografia de Freud.¹ No decurso do 3.º Congresso da Associação Internacional de Psicanálise, que teve lugar em Weimar, em 1911, o neurologista norte-americano James Putnam leu uma comunicação que tinha por objectivo demonstrar a importância da filosofia de Hegel para o desenvolvimento da psicanálise. Jones conta que Freud lhe confidenciou pouco depois: “A filosofia de Putnam faz-me pensar num centro de mesa decorativo; toda a gente o admira, mas ninguém o utiliza.” Esta observação deverá servir-nos de aviso, no momento em que nos propomos tratar das relações entre a fenomenologia e a psicanálise. Com isto, queremos dizer que, se alguma relação produtiva se puder estabelecer entre as duas, como pensamos, tal deverá querer dizer que a segunda terá de poder “utilizar” a primeira, para nos servirmos dos próprios termos de Freud. Tal só poderá significar a possibilidade de uma apropriação de alguns dos seus conceitos, a qual, por sua vez, só será realmente produtiva se esses conceitos

¹ Ernest Jones, *The Life and Work of Sigmund Freud*, trad. franc., *La Vie et l'Oeuvre de Sigmund Freud*, Paris, PUF, 1961, Tome II, p. 90.

permitirem à psicanálise uma melhor compreensão da natureza dos processos psíquicos, ou talvez se pudesse apenas dizer, uma compreensão da psique *tout court*.

Queremos, assim, deixar bem claro aquilo que nos propomos com este ensaio e, em simultâneo, apresentar os limites no interior dos quais nos moveremos. Ao falarmos de psicanálise, falaremos, em primeiro lugar, da prática analítica tal como ela transparece nas obras de Freud e pode ser compreendida por alguém – nós, neste caso – que não tem uma formação profissional nessa área; mas, igualmente, da concepção de sujeito e de consciência que condicionou essa prática ou que dela resultou. Por outro lado, a fenomenologia de que trataremos será a de Edmund Husserl e, em particular, teremos em atenção as suas numerosas análises sobre a memória, a fantasia, a imaginação e a estrutura temporal da consciência. Não cuidaremos de saber o que teria Husserl lido eventualmente de Freud; tinha, na sua biblioteca pessoal, dois livros de Freud, ao que parece sem anotações nem sublinhados, o que indicia, pelo menos, uma leitura pouco atenta. (Se é que leitura chegou alguma vez a existir.) Não ignoramos que alguns psicanalistas (foi o caso de Jacques Lacan, entre outros) ou psiquiatras que receberam também uma formação psicanalítica e durante alguns anos praticaram psicanálise de um modo ortodoxo (como foi o caso de Binswanger) reconheceram uma dívida particularmente significativa para com outros representantes do movimento fenomenológico, como, por exemplo, Martin Heidegger ou, em menor medida, Sartre. Não nos podemos pronunciar sobre o que a psicanálise ou a psiquiatria terão podido beneficiar de um tal contacto – embora, pela nossa parte, reconheçamos que o que Lacan ou Binswanger nos dizem sobre Heidegger não enriqueceu significativamente a leitura que dele fazemos como filósofo –, mas pensamos que só a fenomenologia tal como foi praticada pelo seu fundador poderá, de facto, ser “utilizada”, no sentido que mencionámos acima, com proveito pela psicanálise, na condição de esta (tal como, aliás, a psiquiatria) não se querer perder numa deriva existencial, completada por algumas vagas reflexões de carácter antropológico. Pensamos, também, que, do contacto com a psicanálise, a própria fenomenologia poderá sair enriquecida.

O problema central a ter em conta num confronto que seja verdadeiramente produtivo entre fenomenologia e psicanálise não está, quanto a nós; na possibilidade de transformação de uma psicologia naturalista (como seria, para alguns, a de Freud) – baseada no princípio da conservação da energia psíquica, herdado de Fechner – numa psicologia personalista ou existencial. Para tal, admitimos que a linguagem da analítica do *Dasein*, de Martin Heidegger, poderia eventualmente servir. O problema central, e que funcionará como uma espécie de fio condutor deste ensaio, formulá-lo-íamos, antes, da seguinte forma: oferecer-nos-á a fenomenologia algum modelo para pensar o facto de a consciência poder, simultaneamente, perceber os estratos mais profundas da sua própria vida e mantê-los à distância, recusando-se a coincidir com eles? O que nos impede de dar, de imediato, uma resposta afir-

mativa a esta questão é que a sua tradução em linguagem psicanalítica, a partir do que diz Freud sobre este assunto, por exemplo, no início do Capítulo II de *Inibição, Sintoma, Ansiedade*, deveria soar a qualquer coisa como isto: poderá a fenomenologia dar conta do processo pelo qual o Eu se recusa a associar-se a um impulso (*Trieb*)² proveniente do Inconsciente, impedindo que a ideia que lhe serve de veículo – ou, por outras palavras, que o representa – se torne consciente? Sendo assim, os dois problemas a que nos esforçaremos por responder neste ensaio são os seguintes:

1. Que é que na fenomenologia de Husserl permite fundar, de um ponto de vista filosófico, os conceitos fundamentais da psicanálise, ou, pelo menos, abrir a possibilidade de os pensar, independentemente do valor que lhes possa ser reconhecido no plano terapêutico?
2. Que é que na psicanálise excede tudo o que a fenomenologia; mas também o discurso filosófico tradicional, diz sobre a psique, obrigando eventualmente a filosofia a rever as suas concepções mais firmemente estabelecidas sobre este assunto?

Muito provavelmente, como dizia Heraclito, da psique nunca se encontrarão os limites, mesmo que se percorram todos os caminhos. Mas admitir a possibilidade de existir uma relação produtiva entre a psicanálise e a fenomenologia husserliana implica que nos entendamos previamente sobre duas coisas. Em primeiro lugar, obviamente, sobre o sentido da “redução fenomenológica”, enquanto operação que, segundo de Husserl, permitiria uma análise fenomenológica das várias estruturas da experiência humana do mundo: a relação entre uma totalidade e as suas partes, a identidade do objecto na multiplicidade das suas perspectivas, as diversas modalidades da relação intencional (dúvida, convicção, certeza), etc. Partiremos do princípio – sem nos demorarmos em grandes explicações – que o objectivo fundamental do procedimento metodológico prévio a que Husserl chamou “redução fenomenológica”, independentemente do modo nem sempre coincidente como ele é apresentado, consiste em tornar explícito o que se encontra implícito, seja qual for o campo de análise a que tal procedimento se possa aplicar. Tal implícito, a que nos abre a fenomenologia pela prática da redução, é constituído pelo conjunto daquelas estruturas que mencionámos, as quais só poderão ser expli-

² Traduziremos o substantivo *Trieb*, ora por impulso, ora por instinto. Sempre que utilizarmos a palavra impulso fá-lo-emos na mesma acepção do inglês *drive*, que compartilha, aliás, com *Trieb* a mesma origem etimológica. Para a consulta de *Inibição, Sintoma, Ansiedade* (no original: *Hemmung, Symptom, Angst, Leipzig / Wien / Zürich, Internationaler Psychoanalytische Verlag, 1926*), servimo-nos da tradução inglesa de James Strachey, *Inhibition, Symptoms and Anxiety*, in *On Psychopathology*, Harmondsworth, Penguin Books (The Pelican Freud Library, vol. 10), 1979, pp. 226-233. A passagem citada acima encontra-se na p. 242 desta edição.

citadas através de uma análise isenta de pressupostos, sejam eles de natureza gnosiológica, sejam de natureza metafísica.

É certo que se nos ativermos à que é, talvez, a sua versão mais conhecida, ou mais popularizada, aquela que encontramos, por exemplo, em 1913, no Livro Iº de *Ideias I*, e que, por vezes, se designa como a “via cartesiana”, a redução equivaleria a um aniquilamento do mundo natural, como condição de possibilidade do esclarecimento do eu transcendental em todas as suas formas intencionais, bem como dos seus correlatos noemáticos. Este sentido da “redução fenomenológica” é, naturalmente, desconhecido da psicanálise, mas não é menos certo que não se trata, também, do único sentido dela que podemos encontrar nas obras de Husserl. Na *Psicologia Fenomenológica*, por exemplo, Husserl apresenta-nos uma via diferente, que tem o seu ponto de partida numa descrição da vida imanente da consciência, em ordem a apurar as suas estruturas essenciais e a sua legalidade própria. Ou seja, não se trata de suprimir de uma vez por todas as intencionalidades levadas a cabo no horizonte da atitude natural e do seu correlato: o mundo – tal como sucede na via cartesiana –, mas sim de assumi-las e de, por uma análise em profundidade, desvelar o seu sentido. Numa acepção muito ampla, parece-nos que seria possível defender que a psicanálise se socorre também, por vezes, de um procedimento redutivo semelhante a este. E que não o faz apenas naquela acepção vaga que permite a Husserl falar de uma *Berufsepoché* – uma redução profissional – como a que exerce por exemplo qualquer investigador quando não cuida dos objectos ou dos problemas que se afastam do seu campo temático.³ Não seria, aliás, difícil encontrar em diversas passagens de textos de Freud uma injunção muito semelhante à que se traduz no célebre imperativo husserliano “em direcção às próprias coisas” (*zu den Sachen selbst*), para lá das várias teorias e seus pressupostos: em diversas passagens de muitas das suas obras, ninguém mais do que Freud reclamou a necessidade de uma fidelidade ao que é dado na experiência autêntica, por oposição àquilo que, da experiência, é dito por teorias cuja fundamentação deixa muito a desejar.⁴ Neste número, encontrar-se-iam, nomeadamente, todas aquelas teorias sobre a natureza do inconsciente que o relacionam somente com fenómenos do género do desaparecimento de uma recordação, ou da violência súbita e inexplicável de uma paixão. Relativamente a tais teorias ingénuas não seria difícil reconhecer que a psicanálise pratica um *analogon* da redução fenomenológica.⁵

A segunda coisa sobre a qual nos devemos entender é sobre o que se compreende por sujeito em psicanálise, pois nenhuma das suas possíveis definições fenomenológicas lhe parecem ser adequadas. Se definirmos genericamente o sujeito fenomenológico pela possibilidade da evidência da expe-

³ Cf. Alexandre Fradique Morujão, *Mundo e Intencionalidade*, Coimbra, Universidade de Coimbra, 1961, p. 99.

⁴ Cf., nomeadamente, *Inhibitions, Symptoms, Anxiety*, ed. cit., p. 213.

⁵ Cf. Paul Ricœur, *De l'Interprétation. Essai sur Freud*, Paris, Ed. du Seuil, 1965, p. 368.

riência interna (por aquela espécie de *self-awareness* que torna a fenomenologia em herdeira da psicologia de Brentano), teremos de reconhecer que a psicanálise nos encaminha, a uma primeira leitura dos textos de Freud, para outras paragens. Aspectos tão essenciais da vida psíquica, para a psicanálise, como são, por exemplo, os casos do recalçamento ou da resistência parecem não ter lugar numa fenomenologia concebida de acordo com estes moldes. De certo modo, servindo-nos agora de uma expressão de Hermann Drüe, parece legítimo afirmar-se que tudo é *Ichhaft* para a fenomenologia, de direito pelo menos, mesmo não o podendo ser de facto, e que nada poderá ser *Eshaft*,⁶ ou, utilizando um termo de Freud, *Ichfremd* – estranho ao Eu –, mesmo que esta estranheza seja, no fundo, a de um *inneres Ausland*: uma terra estranha à consciência, mas não à psique, que não é mais definida por aquela, nem a partir daquela.⁷ Voltaremos, contudo, a esta questão mais adiante, porque aquela contraposição feita por Hermann Drüe, embora sendo globalmente correcta, não esgota tudo o que se pode dizer, do ponto de vista husserliano, acerca da actividade da consciência.

Freud reconheceu a dificuldade em admitir a existência de um inconsciente e, antes de mais, da parte dos próprios filósofos. Em certos textos seus, como, por exemplo, num ensaio intitulado “O inconsciente”, escrito em 1915, reconhece mesmo que não existe qualquer tendência constitucional que nos force a reconhecê-lo.⁸ Em linguagem husserliana, diríamos que não existe nenhum motivo, enquanto quisermos permanecer no interior da atitude natural, para admitir que ele existe. Mas podemos aprofundar a experiência que fazemos de nós mesmos e da psique de outros Eus: normalmente, diz Freud no referido ensaio, sabemos integrar na coerência da vida anímica dos outros aquilo que nos recusamos a admitir em nós mesmos: por exemplo, que um lapso reenvia para uma motivação cuja existência nos é desagradável reconhecer. A psicanálise exige apenas que apliquemos à nossa própria pessoa – o que não poderá acontecer sem uma certa resistência interna – o que fazemos relativamente aos outros. Ora acontece que Husserl, num texto de 1933, onde analisa a relação de fundação entre os actos da esfera humana pessoal e os actos intuitivos de nível inferior, nos abre a possibilidade de compreender esta situação: Husserl defende que a efectuação (*Auswirkung*) deste último tipo de actos não constitui ainda uma acção humana no sentido estrito do termo, que eles são, de alguma forma, actos pré-pessoais, mas, também, que se lhes deve reconhecer já uma direcionalidade (*Gerichtetsein*) sobre a qual se desenvol-

⁶ Cf. o uso desta expressão em Hermann Drüe, *Edmund Husserls System der phänomenologischen Psychologie*, Berlin, Walter de Gruyter, 1963, p. 311.

⁷ Freud, *Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, Hamburg, Fischer Verlag, 1969, p. 50.

⁸ Freud, “Das Unbewusst”, trad., trad. cast., “El Inconsciente”, in *Obras Completas*, Madrid, Biblioteca Nueva, 1981, 4.ª ed., p. 2063.

verão os estratos superiores da vontade.⁹ Aqueles actos são já a manifestação de uma certa forma de intencionalidade, embora anterior ao exercício do pensamento reflexivo.

Não obstante, à primeira vista, dir-se-ia que, perante a psicanálise, nos encontramos na presença de mais uma daquelas ciências que a fenomenologia caracteriza como “mundanas”, com todo o seu conjunto de pressupostos não tematizados: a existência de um psiquismo, de uma base neuro-fisiológica em que ele pode assentar, e de um mundo exterior capaz de provocar nele alterações do estado inicial. Seria, contudo, ignorar um aspecto essencial da análise de Freud. Como se sabe, Freud defende que nenhuma espécie de causação, de natureza mecânica, química ou biológica, agindo sobre o cérebro, explica a inscrição de uma representação inconsciente no sistema perceptivo-consciente. Veja-se, por exemplo, o capítulo II do ensaio “O inconsciente”. A sua tópica psíquica nada tem a ver com a anatomia, mesmo que uma relação com a anatomia possa eventualmente existir; assim, a fase consciente de uma representação significa, em primeiro lugar, a sua inscrição num lugar psíquico diferente, sem que tal obrigue a estabelecer uma correspondência com as regiões do corpo. Freud caracterizará o psiquismo, na sua fase inicial, como uma espécie de “bola protoplásmica” indiferenciada, onde se inscreverão, mais tarde, as distinções entre consciente e inconsciente em resultado do processo de socialização. Porém, num texto de 1935, singularmente próximo de algumas teses de Freud, intitulado pelos editores da *Husserliana* “A criança, a primeira sensação”, Husserl falará de um horizonte originário inicial (*uranfänglichlich*) que precede o horizonte humano de mundo, e de um início originário (*Uranfang*) da temporalização, no qual o horizonte de temporalização posterior se encontra apenas implícito.¹⁰ Voltaremos mais à frente a esta questão, a propósito da problemática das sínteses passivas.

2. Proximidade entre psicanálise e fenomenologia. As sínteses passivas

Resumamos, antes de prosseguir, algumas ideias fundamentais da teoria husserliana do Eu. Relativamente a este Eu, capaz de se captar a si mesmo de modo perceptivo, a sua presença a si mesmo – com o seu horizonte aberto e infinito de propriedades internas – parece não ser essencialmente diferente do *ser idêntico* de qualquer objecto da percepção externa, com o conjunto das suas propriedades particulares. A tese segundo a qual cada coisa é uma identidade numa pluralidade de manifestações não conhece verdadeiramente excepção. A investigação das propriedades pertence ao âmbito do que, no § 46 das *Meditações Cartesianas*, Husserl chamara experiência explicitante.

⁹ Husserl, *Zur Phänomenologie der Intersubjektivität*, *Husserliana*, Band XV, p. 599.

¹⁰ Husserl, “Das Kind, die erste Einfühlung”, in *Zur Phänomenologie der Intersubjektivität*, *Husserliana*, Band XV, pp. 604 e segs.

A um leitor menos atento, poderá parecer que as riquíssimas análises psicológicas desta obra, bem como as de *Psicologia Fenomenológica*, ou de *Filosofia Primeira*, não constituem senão meras variações do tema da redução fenomenológica praticada em *Ideias I*. De certo modo, esta impressão é confirmada pela permanente afirmação de Husserl de que se trata de transformar a experiência interna da consciência psicológica em experiência transcendental da consciência pura, ou de descobrir, por detrás dos fenómenos psíquicos no sentido da psicologia naturalista o verdadeiro sentido da intencionalidade da consciência.¹¹

Mas serão todos os actos intuitivos, e não apenas aquela forma fundamental dos actos que constitui a consciência perceptiva, por conseguinte, todas as diferentes formas do que Husserl designa, desde as suas *Investigações Lógicas*, pelo termo presentificação (*Vergegenwärtigung*), sejam elas a recordação, a fantasia, ou a consciência de imagem, com as suas estruturas temporais específicas, que se deverão transformar em tema da análise fenomenológica.¹² Todas as distinções husserlianas, como sejam a distinção entre apresentação e presentificação, entre actualidade e inactualidade, ou, no interior da presentificação, entre a que tem um carácter posicional (como é o caso da recordação, por exemplo) e a que é desprovida desse carácter, sendo chamada, por isso, não-posicional (como é o caso da fantasia pura), têm um extraordinário alcance descritivo. Mas para a questão nos orienta, o problema é: possuirão elas também algum valor de um ponto de vista dinâmico, aquele em que a psicanálise se situa? Sabemos que Husserl reconheceu algumas dificuldades no processo explicitativo do que chamou “a minha esfera de pertença”, e, em primeiro lugar, todas aquelas que se relacionam com a temporalidade imanente ao meu ser, que se manifesta sob a forma da infinidade aberta da corrente da consciência. Um tal reconhecimento, por si só, não seria, porém, suficiente para nos permitir aproximar a fenomenologia e a psicanálise. Recordemos o que Freud escreveu, em 1915, no início de um ensaio intitulado “O recalçamento”: “Um dos destinos de um instinto pode ser o de esbarrar com resistências que procurem despojá-lo de toda a sua eficácia.” E, um pouco mais adiante: “Se se tratasse do efeito de um estímulo exterior, o meio de defesa mais adequado contra ele seria a fuga. Mas, tratando-se do instinto, a fuga é ineficaz, pois o *eu* não pode fugir de si mesmo.”¹³ Prestar-nos-á a fenomenologia algum auxílio na compreensão de situações deste tipo? Convém, antes de responder, seguir com atenção os desenvolvimentos do pensamento de Husserl, em particular a partir do ano de 1909. Destacaremos três aspectos fundamentais nesse desenvolvimento.

¹¹ Cf. Rudolf Bernet / Iso Kern / Eduard Marbach, *Edmund Husserl. Darstellung seines Denkens*, Hamburg, Felix Meiner, 1989, p. 70.

¹² Cf. Rudolf Bernet / Iso Kern / Eduard Marbach, *Ibidem*, p. 132.

¹³ Freud, “Die Verdrängung”, trad. cast., “La Represión”, in *Obras Completas*, ed. cit., p. 2053.

1. Em primeiro lugar, as afirmações da *Psicologia Fenomenológica*, segundo as quais a consciência reflexiva falta nos modos mais imediatos da relação intencional, que se perde na contemplação das coisas,¹⁴ ou seja, naquela passividade que recebe o objecto (antes ainda de o constituir) e o encontra como que já feito. Husserl chama a este tipo de relação intencional uma “síntese passiva”; “síntese” na medida em que algo é dado ao sujeito como coisa e não como mero agregado caótico de sensações, mesmo que não seja ainda a coisa suporte de predicados e, por conseguinte, determinada como “tal ou tal coisa”: um martelo, uma mesa, uma obra de arte, etc. (Escolhemos, um pouco ao acaso, exemplos husserlianos apresentados no § 38 das *Meditações Cartesianas*); uma tal síntese é “passiva”, porém, porque é realizada por qualquer ego concreto, mesmo que ainda incapaz de constituir objectos ideais, como sejam os conjuntos, os números, as asserções sobre os estados-de-coisas, etc. É aqui que as referências husserlianas à criança, de que falámos atrás, adquirem todo o seu verdadeiro significado e alcance. A construção do objecto na actividade perceptiva do adulto supõe sempre um resíduo de actividades perceptivas na infância – a captação de uma primeira *hylé* –, que constituem o campo das afecções do Eu, bem como os traços mnésicos que no Eu foram deixados pelas primeiras experiências.¹⁵
2. Destacaremos, em segundo lugar, nos textos agrupados no volume XXIII da *Husserliana* sob o título *Fantasia, Consciência de Imagem, Recordação*, o reconhecimento de uma cisão (*Spaltung*, é o termo de Husserl) no interior do eu,¹⁶ que lhe possibilita viver em dois mundos distintos, um real e outro irreal. Freud, nas *Novas Conferências Introdutórias à Psicanálise*, utilizará uma linguagem muito semelhante. Dirá, por exemplo: “O Eu é, por conseguinte, cindível (*Spaltbar*), cinde-se durante muitas das suas funções, pelo menos provisoriamente. Posteriormente, os elementos parciais podem voltar a unificar-se.”¹⁷ O reconhecimento desta cisão pela fenomenologia é de uma extrema importância e poderia ajudar-nos a compreender o que a psicanálise entende, por exemplo, por sonhos ou por fantasias diurnas, ou, então, os delírios psicóticos, em que, como no célebre caso do Presidente Schreber, o mundo irreal absorveu por completo o mundo real. Todas as extraordinárias semelhanças entre estes tipos de actos e os actos de percepção são sublinhados tanto por Freud como por Husserl.

¹⁴ Husserl, *Phänomenologische Psychologie*, *Husserliana*, Band IX, p. 147.

¹⁵ Cf. Paul Ricœur, *op. cit.*, p. 371.

¹⁶ Rudolf Bernet, “Unconscious consciousness in Husserl and Freud”, in *Phenomenology and the Cognitive Sciences*, 1 (2002) 327-351, p. 333.

¹⁷ Freud, *Neue Folge der Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, ed. cit., p. 52.

3. Por fim, os diversos textos sobre a fenomenologia da intersubjectividade, que se estendem até 1935. Estes textos contêm indicações muito preciosas no plano das análises concretas. Por momentos, parece que nos encontramos a ler certos textos de Freud, como, por exemplo, o ensaio de 1915 intitulado “Os instintos e o destino dos instintos”. Husserl procederá à análise, entre os vários tipos da relação afectiva, da relação amorosa e, nesta, do amor sexual que a acompanha. A propósito deste último, Husserl menciona a sua periodicidade, a oscilação entre tensão e satisfação, mas, acima de tudo, o modo como a partir dele se erige um horizonte volitivo – a que chama um futuro vital pessoal e sem fim (*endlose personale Lebenszukunft*) – que se transforma, sob a forma de uma unidade habitual da vontade, em horizonte pessoal.¹⁸

Convém, ainda assim, evitar aqui algumas aproximações apressadas entre a fenomenologia e a psicanálise. Acerca do primeiro dos três aspectos que mencionámos – ou seja, a relação da consciência reflexiva com a vida intencional pré-reflexiva –, Husserl falará de resíduos ou de sedimentações dos níveis inferiores da actividade constituinte nos níveis superiores dessa mesma actividade. Só excepcionalmente falará dos traços mnésicos de experiências infantis nas experiências do adulto. Relativamente à síntese passiva, Husserl dirá que ela precede sempre a síntese activa, mas de um ponto de vista transcendental, quer dizer, de direito, e não de um ponto de vista empírico ou de facto. Não deixa, contudo, de ser verdade que este eu husserliano nunca é um pólo de identidade vazio, pois todo o acto tem como resultado sedimentar no sujeito algo que contribui para a sua concreção, nele deixando um vestígio.¹⁹ Ora o sujeito psicanalítico é uma tarefa; ele faz-se, já o dissemos, durante a análise. É uma situação semelhante à que, por vezes, somos obrigados a reconhecer no Eu husserliano, que também não é apenas uma história sedimentada, mas igualmente possibilidade permanente de uma história futura. Mas ainda aqui há que fazer notar uma importante diferença: ao passo que o tempo, em Husserl (enquanto fluxo temporal das vivências), assume a forma de um absoluto irredutível, o tempo da consciência, em Freud, surge sobre o pano-de-fundo de um inconsciente sem tempo e alheio às três dimensões do tempo. Freud nota a inalterabilidade, pelo tempo, do que se encontra reprimido no inconsciente, o facto de isso se comportar como um estado psíquico que tivesse acabado de ocorrer, dizendo que um tal facto aguarda ainda uma investigação por parte dos filósofos.²⁰

¹⁸ Husserl, *Zur Phänomenologie der Intersubjektivität*, *Husserliana*, Band XV, p. 599.

¹⁹ Cf. Alexandre Fradique Morujão, *Mundo e Intencionalidade*, ed. cit., pp. 139-140.

²⁰ Freud, *New Introductory Lectures on Psychoanalysis*, trad. James Stachey, Harmondsworth, Penguin Books (The Freud Pelican Library, vol. 2), 1973, pp. 106-107.

Relativamente ao aspecto que mencionámos em segundo lugar, convém salientar que todas as formas de presentificação – sejam da ordem da recordação ou da fantasia – constituem, para Husserl, formas de modificação de uma crença originária própria de toda a consciência perceptiva.²¹ Regressemos ao caso do Presidente Schreber. Quer se trate dos sofrimentos físicos que descreve em pormenor – destruição do estômago e dos pulmões, absorção do seu próprio esófago, etc. –, quer do seu lento processo de transformação em mulher (apenas iniciado, pois só alguns nervos sofreram já essa transformação, de acordo com as palavras do seu próprio relato), não podemos falar de uma consciência perceptiva originária, mas também nada nos autoriza a falar de uma modificação de neutralidade; no caso de Schreber, como no caso de todos os delírios psicóticos, estamos perante uma consciência-de-fantasia que não é a consciência de uma fantasia, em que, por conseguinte, o sujeito que a experimenta não estabelece um contraste entre ela e os acontecimentos de ordem perceptiva que simultaneamente ocorrem. É muito interessante de registar o facto de Schreber, de acordo com o seu próprio relato, ter colocado a hipótese de pelo menos uma parte do seu delírio psicótico – a que se refere à sua relação privilegiada com Deus, que o fecundaria após a sua transformação em mulher – não ser senão uma alucinação sensorial. Schreber, na realidade, coloca-a, mas apenas para a afastar logo de seguida, com um argumento aparentemente impecável de um ponto de vista lógico. Tais alucinações, afirma, apenas seriam possíveis em alguém que possuísse já uma crença firme em Deus, o que não era, de forma alguma, o seu caso.

A uma primeira aproximação, parece que a fenomenologia sentirá sempre alguma dificuldade em lidar com este tipo de problemas, sobretudo se tivermos presente uma das ideias mais fortes de Husserl: a ideia de que uma apreensão dos meus próprios estados, como temporais, se realiza no interior do tempo universal. Isto, por si só, causaria sempre algumas dificuldades, a partir do momento em que se quisesse – como julgamos que Husserl efectivamente quis – considerar um estado mental como algo susceptível de identificação rigorosa. Mais dificuldades causaria ainda se quiséssemos – como Husserl também quis – analisar a produção de fantasmas segundo o modelo da recordação. Porém, se virmos com mais atenção o que tanto Husserl como Freud afirmam – em função de objectivos diferentes, naturalmente – sobre o fenómeno da alucinação e a consequente perda do sentimento de realidade, verificamos uma singular proximidade: Ela poderá eventualmente explicar-se pelo facto de ambos, afinal, tomarem por base das suas investigações um material empírico bastante parecido. Não foi Freud que ensinou que entre o delírio psicótico e o comportamento normal a diferença é apenas de grau e não de qualidade? Não constituem a fuga à realidade percebida e a fantasia de

²¹ Sobre este assunto, cf. Rudolf Bernet / Isso Kern / Eduard Marbach, *op. cit.*, p. 137.

uma realidade paralela, num sujeito normal, uma das mais notáveis características da espécie zoológica a que pertencemos?

Ora há aqui um aspecto que só talvez a partir da fenomenologia de Husserl possamos compreender cabalmente. Note-se que Schreber, no seu relato, não afirma que é perseguido pela imagem da sua transformação em mulher; Schreber visualiza essa transformação e experimenta-a no seu próprio corpo. É significativo que uma das principais estruturas da experiência, a que já fizemos referência, se mantenha ainda no delírio psicótico: a saber, a síntese de identidade. Schreber não percebe o seu corpo, ora como corpo normal, ora como corpo de mulher, segundo duas perspectivas contraditórias que impossibilitariam um qualquer tipo de preenchimento intuitivo. Encontramo-nos aqui na presença da confirmação de uma tese fenomenológica fundamental: mesmo aquilo que é fantasiado coloca restrições ao que podemos fantasiar sobre isso.²² Mais exactamente, a modificação que a produção de fantasmas constitui, por comparação com a percepção normal, não destrói as estruturas fundamentais da experiência, que se mantêm vigentes nos dois casos.

3. Psicanálise e método fenomenológico

Fenomenologia e psicanálise são, por conseguinte, embora de maneiras diferentes, explorações do Eu e dos seus estados mais profundos. De um ponto de vista metodológico, esta idêntica pretensão das duas conduziu a algumas aproximações interessantes, que são talvez mais do que simples coincidências e que valerá apenas, um dia, analisar em pormenor. É assim que verificamos uma notável semelhança entre a técnica das associações livres, proposta por Freud, e a relação que Husserl estabelece, em *Ideias II*, entre as motivações passivas e as motivações do Eu (*Ichmotivationen* ou *Vernunftmotivationen*), tornando-se as primeiras conscientes, muitas vezes, graças às suas semelhanças com as segundas.²³ Um outro ponto de contacto reside no facto de, para a psicanálise, todo o trabalho de análise consistir em ver um facto da consciência fora da sua relação real e empiricamente verificável com outros factos da consciência; ou seja, vê-lo independentemente do nexo de causalidade que, na perspectiva da psicologia vulgar, possa subsistir entre eles, explicável de um ponto de vista fisiológico segundo o modelo das ciências da natureza. Assim, por exemplo, as fobias de animais; nas crianças, remetem, não apenas para o receio de alguma agressão por parte desse animal (mesmo que uma agressão real possa ter já acontecido, vindo reforçar essa fobia), mas para o medo da castração;²⁴ ou as agorafobias, em que o motivo de uma recusa

²² Cf. Robert Sokolowski, *Introduction to Phenomenology*, trad. bras., *Introdução à Fenomenologia*, São Paulo, Edições Loyola, 2004, p. 81.

²³ Cf. *Ideias II*, § 56 b), in *Husserliana*, IV, pp. 222-223.

²⁴ *Inhibitions, Symptoms and Anxiety*, ed. cit., p. 282.

em sair de casa será, provavelmente, a ansiedade que provoca o encontro com outras pessoas e não o temor de um perigo real.

O que acabámos de dizer não significa que Freud conteste a presença universal do princípio de causalidade; de certo modo, a crença na sua validade será sempre uma das mais fortes crenças freudianas, em parte recebidas através da influência de Brücke e de Meynert,²⁵ em cujos laboratórios trabalhou durante os seus anos de juventude. Brücke e Meynert, aliás, transportavam para o plano da histologia e da fisiologia os princípios da física de Helmholtz, de que eram grandes seguidores. Mas o uso que Freud faz do princípio de causalidade é sobremaneira original. Pensemos, por exemplo, no relato de um caso clínico feito no pequeno ensaio de 1915 intitulado “Um caso de paranóia que contraria a teoria psicanalítica”.²⁶ Uma doente julga ouvir o ruído de alguém que observaria a sua relação com o namorado. Na verdade, tal como a situação pôde ser reconstituída por Freud, a partir do material clínico de que dispunha, as coisas ter-se-ão passado da seguinte forma: a pseudo-audição do ruído aconteceu depois de, certo dia, ao sair de casa do namorado, a doente ter encontrado dois homens que julgava estarem a comentar o seu caso e de, numa vez seguinte, tendo ouvido um ruído efectivo, não ter acreditado na explicação do namorado que afirmara ser um tal ruído proveniente do relógio da sala. É uma motivação inconsciente que explica, tanto o fenómeno psíquico da atenção que é prestada ao ruído, como a recusa da interpretação proposta para o explicar, de forma que o princípio de causalidade não conhece verdadeiramente uma excepção. Um facto psíquico, para o analista, mais não é do que o substituto simbólico de uma motivação inconsciente, que se trata de descobrir e de revelar ao paciente. Por outras palavras: trata-se de conseguir que ele integre os seus efeitos na sua vida consciente.

Pensemos também na teoria freudiana dos sonhos. Freud sempre a considerou como uma espécie de pedra-de-toque da adesão, ou não, aos princípios da psicanálise. Há uma relação de causalidade entre o conteúdo latente e o conteúdo manifesto do sonho, ou, mais exactamente, o segundo é a tradução do primeiro após este ter sido submetido ao trabalho do sonho, de acordo com os mecanismos da condensação e do deslocamento. Não podemos aqui reconhecer, à maneira de Husserl, uma realização simplesmente defeituosa – uma

²⁵ Sobre a influência de Meynert, cf., nomeadamente, Ernest Jones, *The Life and Work of Sigmund Freud*, trad. franc., *La Vie et l'Oeuvre de Sigismund Freud*, ed. cit., Tome Premier, pp. 400 e segs.

²⁶ Freud, “Mitteilung eines der psychoanalytischen Theorie widersprechenden Falles von Paranoia”, in *Internationale Zeitschrift für ärztliche Psychoanalyse*, 3 (1915) 321-329; servimo-nos da trad. ingl. de James Strachey, “A case of paranoia running counter to the psychoanalytic theory of the disease”, in *On Psychopathology*, Harmondsworth, Penguin Books (The Pelican Freud Library, vol. 10), 1979, pp. 147-158. Ver, nomeadamente, a p. 155 da tradução eferida.

Fehlleistung – de uma intenção bem determinada, tornada por isso irreconhecível.²⁷

Para Freud, o Eu, identificado ao sistema Percepção-Consciência (mais precisamente, do ponto de vista fisiológico, à massa cortical que medeia – quer dizer, relaciona e protege – as camadas mais profundas do psiquismo e a realidade exterior), é apenas o resultado de uma pressão da realidade sobre a mônada psíquica, desejante e anárquica. Este ponto de vista energético e económico, que confere às instâncias psíquicas uma determinada realidade, é dificilmente compatível com a atitude fenomenológica.²⁸ O Eu não pode ocupar o lugar de um acto fundador, tal como a fenomenologia o exige.

4. A linguagem da psicanálise e a linguagem da fenomenologia

Entraremos agora num segundo momento da nossa comunicação, em que, após termos mencionado diversas possibilidades de contacto entre fenomenologia e psicanálise, acentuaremos alguns daqueles aspectos que parecem separar quase irremediavelmente as duas. Possivelmente, será sempre difícil conciliar a fenomenologia de Husserl com a psicanálise de Freud e um diálogo produtivo entre elas deverá estabelecer-se na base do reconhecimento desta dificuldade.

A linguagem da psicanálise, como mostrou em tempos Paul Ricœur, é a linguagem da *força* e a linguagem do *sentido*. Por um lado, fala-se de pulsões, de recalçamento, de investimento e de contra-investimento, etc. Por outros fala-se de textos (por exemplo, os sonhos), que são inicialmente ininteligíveis e que se tornam inteligíveis quando descobrimos a sua “gramática”. Assim, por exemplo, o que parece desordenado num sonho torna-se compreensível quando compreendemos o funcionamento do trabalho do sonho, através dos mecanismos da condensação e do deslocamento.

Força e sentido têm também alguma coisa a ver com a fenomenologia, mas intervêm de forma diferente na explicação da natureza dos actos intencionais. É extremamente curioso que Husserl, referindo-se à esfera das retenções (constituída, por exemplo, pelos sons de uma melodia acabada de ouvir), refira que elas, não sendo activadas, se situam num horizonte de esquecimento indiferenciado e sem vida.²⁹ (Husserl falará mesmo, nas *Análises para a Síntese Passiva*, de uma “esfera horizontal adormecida”; *schlaffendes Horizont-sphäre*.) De certo modo, perderam a sua força, embora o seu sentido permaneça implícito. Poderão, como é óbvio, ser reactivadas, a partir do momento em que se lhes ofereça qualquer possibilidade de associação com o presente vivo

²⁷ Cf. Hermann Drüe, *op. cit.*, p. 310.

²⁸ Paul Ricœur, “Une interprétation philosophique de Freud”, in *Le Conflit des Interprétations*, Paris, Éditions du Seuil, 1969, pp. 160-176, p. 172.

²⁹ Cf. Husserl, *Analysen zur passiven Synthesis*, in *Husserliana XI*, p. 80. Cf. pp. 177-178.

e, dessa forma, entrar em conexão com o processo actual de constituição dos objectos.

Que a reactivação só se possa compreender, segundo Husserl, em virtude da sua associação com uma actividade que tem o seu início no presente vivo é uma afirmação que se reveste para nós do máximo interesse. Tanto mais que, no prosseguimento da sua análise da cadeia associativa,³⁰ Husserl reconhece dois factores de extrema importância: 1) que, muitas vezes, não reparamos em conexões de associações quando o nosso interesse se dirige para a evocação de um determinado acontecimento; 2) que essas conexões que passaram despercebidas podem ser restabelecidas pelo método da redução fenomenológica; quer dizer, quando suspendemos o interesse que determinou o processo de evocação e reparamos, somente, no modo como o evocado pode destacar-se do âmbito da esfera retencional. Mas se, por um lado, o tratamento analítico, de um ponto de vista descritivo, tem por objectivo suprir as lacunas da memória, de um ponto de vista dinâmico o seu efeito, como também dizia Paul Ricœur, será o de vencer as resistências que impedem a reapropriação, pelo paciente, do seu próprio passado.³¹ Freud, como é sabido, na 31.^a das *Novas Conferências Introdutórias*,³² dirá que foi da percepção da resistência oferecida pelo paciente à tentativa de lhe revelar o conteúdo do seu inconsciente, que nasceu a psicanálise. Assim sendo, se quisermos investigar se há alguma possibilidade de aproximar o horizonte retencional husserliano do inconsciente de Freud, será necessário perguntarmo-nos, também, se aquele é passível de ser relacionado com um qualquer tipo de actividade de resistência, bem como se tal resistência – no caso de existir – poderia está relacionada com qualquer coisa que, de perto ou de longe, pudéssemos relacionar com o que Freud chama transferência.

O inconsciente de Freud possui, na realidade, uma multiplicidade de sentidos e o próprio Freud reconheceu, por vezes, o inconveniente em utilizar o mesmo termo para explicar processos psíquicos de natureza diferente, consoante esteja em causa uma mera descrição ou uma análise sistemática. Assim, é possível utilizar a palavra “inconsciente” para designar actos psíquicos que se originaram no inconsciente, mas que, tendo ultrapassado a barreira da censura, pertencem ao sistema da consciência; mas também, igualmente, para designar aqueles que não são capazes de consciência porque se lhes opôs a barreira da censura, merecendo neste caso, mais apropriadamente, a qualificação de “reprimidos”.

³⁰ Idem, *ibidem*, p. 122.

³¹ Freud, “Remémoration, Répétition, Perlaboration”, in *La Technique Psychanalytique*, Paris, PUF, 1992, 10.^a ed., pp. 105-115, p. 106.

³² Idem, *New Introductory-Lectures on Psychoanalysis*, ed. cit., p. 100.

5. O sistema percepção-consciência,³³ a memória e a recordação

Mesmo para a psicanálise, a exploração do inconsciente acarreta uma dificuldade que nunca será, talvez, completamente ultrapassável, dado que remete para aquele ponto em que o aparato anímico confina com a anatomia. Mais concretamente: o modo como o que é puramente orgânico se transforma em psíquico, ou seja, o modo como nasce uma representação inconsciente, é algo que nunca chegaremos provavelmente a esclarecer totalmente.³⁴ Os traços mnésicos (hábitos, etc.), situados no pré-consciente, permitem associações verbais entre o sistema perceptivo-consciente e o Id. Para Husserl, existe um mecanismo semelhante a este, que se manifesta no fenómeno da associação. Husserl está, obviamente, consciente de que só devido a uma abstracção motivada por razões de ordem metodológica se pode admitir que o mundo do Eu seja apenas constituído por um ‘presente impressional (*impressionale Gegenwart*); como, aliás, claramente o reconhece nas *Análises para a Síntese Passiva*, esta abstracção tem como resultado um pôr de lado os níveis genéticos inferiores, que remetem, naturalmente, para o plano dos instintos e dos impulsos primários.

O prosseguimento das análises husserlianas mostra-o com clareza. O estudo da afecção deverá conduzir a uma compreensão da natureza do mecanismo da associação, enquanto momento genético de nível inferior no processo de síntese. As leis que comandam a síntese, no seu grau mais baixo, são leis do encadeamento progressivo das afecções,³⁵ às quais deverão corresponder, do lado do objecto, dados hiléticos que, ou se destacam, ou se esbatem progressivamente, até um domínio inapreensível de intensidade. Certamente que Husserl reconhece que às configurações de unidade que são os objectos podem corresponder, posteriormente à sua constituição, dados que, no passado, se encontravam fora da esfera da atenção; tais dados, porém, podem ser captados a partir do momento em que a atenção se volte para eles.³⁶ Um exemplo husserliano ilustra-o perfeitamente. Quando escutamos uma melodia em que não sobressai nenhuma força afectiva particular, o aparecimento de um som, ou de um conjunto de sons, que se destaque sobremaneira relativamente a todos os outros, tem por efeito despertar-nos para a totalidade da melodia, de tal modo que os sons anteriores, aos quais não prestáramos atenção, são agora reconhecidos como ainda presentes na nossa esfera retencional. Subitamente, a totalidade da melodia escutada torna-se-nos presente.³⁷

Por este motivo, para Husserl, o passado da consciência surge como um campo de recordações possíveis e, eventualmente, de recordações perfeitas.

³³ Idem, *Jenseits des Lustprinzips*, em particular o capítulo III.

³⁴ Idem, “Das Unbewusst”, trad. cast., “El Inconsciente”, ed. cit., p. 2066.

³⁵ Husserl, *Analysen zur passiven Synthesis*, in *Husserliana*, Band XI, pp. 151 e segs.

³⁶ Idem, *ibidem*, p. 153.

³⁷ Idem, *ibidem*, p. 155.

Mesmo que tal passado surja involuntariamente, ou que, por um acto de vontade apenas, não o consigamos reproduzir totalmente, ou que, na tentativa de conduzir a recordação à sua plena clareza, reconhecamos que nela se introduziram momentos que não aconteceram nem poderiam ter acontecido, esse passado encontra-se aí para nós como passado da consciência, remetendo, por conseguinte, para um presente que já não é.³⁸ Há, como diz Husserl, uma crença no passado que não pode ser suprimida, assim como todo o passado comporta, do mesmo modo que o presente, intuições doadoras que não se podem desvanecer. Qualquer ilusão relativa a um acontecimento passado é reconhecida como ilusão diante da medida normativa (*normierende Mass*, diz Husserl³⁹) que constitui a recordação que reproduz fielmente o acontecido.

Nestas análises, no decurso das quais, contudo, o termo “inconsciente” surge no texto de Husserl, não encontramos quase nada, por conseguinte, que pudéssemos aproximar do inconsciente psicanalítico. Entre o que fora dito em *Ideias I*, por exemplo, no § 78, e as *Análises para a Síntese Passiva*, nenhuma alteração substancial, quanto a este assunto, se verificará no pensamento husserliano. Husserl, porém, não hesita em classificar alguns extractos da esfera retencional como “inconscientes” e exige que deles se forneça uma explicação fenomenológica.⁴⁰ Mas o que de mais aproximado, em Freud, poderíamos encontrar deste inconsciente husserliano seria o pré-consciente, que Freud diz, justamente, ser apenas inconsciente de um ponto de vista descritivo,⁴¹ ou seja, não inconsciente se atendermos à dinâmica dos processos psíquicos que ocorrem no seu seio. Trata-se, na realidade, do que Freud chamava um *bewusstseinsfähig Unbewusst*, um inconsciente capaz de se transformar em consciência.⁴²

Outros exemplos, que podemos colher nas obras de Freud, mostram com suficiente clareza a distância que separa os dois tipos de inconsciente e que é, afinal, a distância entre duas concepções razoavelmente diferentes da psique. Pensemos, por exemplo, num importante ensaio de Freud, de 1919, intitulado no original *Ein Kind wird geschlagen*, que poderíamos traduzir, em português, por qualquer coisa como *Estão a bater numa criança*.⁴³ Freud descreve o fantasma de “fustigação de uma criança” que, na sua primeira forma, tem o seguinte conteúdo: “o meu pai está a bater numa criança de que eu não gosto”, mas que, perdendo o seu carácter sádico inicial, adquire, posteriormente, uma forma claramente masoquista, transformando-se em “o meu pai

³⁸ Idem, *ibidem*, p. 266.

³⁹ Idem, *ibidem*, p. 267.

⁴⁰ Idem, *ibidem*, p. 154.

⁴¹ Freud, *New Introductory Lectures on Psychoanalysis*, ed. cit., p. 103.

⁴² Cf. Hermann Drüe, *Edmund Husserls System der phänomenologischen Psychologie*, ed. cit., 1963, p. 307.

⁴³ Conhecemos este ensaio a partir da tradução francesa, “Un enfant est battu”, in *Névrose, Psychose et Perversion*, Paris, PUF, 1973, pp. 219-243.

está a bater-me”. Ora, Freud nota (e isto é que é importante para nós) que, ao passo que a primeira forma pode ser claramente expressa pelo paciente no decurso da análise como correspondendo a um fantasma real, a segunda nunca se torna consciente, sendo apenas uma construção do trabalho analítico. Por outras palavras: o paciente é incapaz de reconhecer a existência desse fantasma numa determinada idade. A esta forma que o fantasma reveste, contudo, não é, segundo Freud, menos necessário atribuir realidade do que à primeira, para explicar a génese das perversões sexuais na idade adulta, de que aqueles fantasmas são como que a fase de formação. É esta concepção de realidade que é extremamente desafiadora para a fenomenologia; porque não se trata somente, como noutras situações, de reconhecer a realidade de um lapso, que foi cometido sem que o seu autor o notasse na altura, ou de reconhecer que determinada imagem sonhada remete para um conteúdo inconsciente que a interpretação analítica põe a descoberto;⁴⁴ trata-se, aqui, de reconhecer que, por detrás de uma primeira relação de causalidade que liga os conteúdos psíquicos conscientes, opera uma segunda causalidade; ela não só explica uma quantidade considerável de fenómenos psíquicos que, sem ela, seriam incompreensíveis, como, também, permite ordenar a totalidade dos comportamentos conscientes num conjunto coerente e inteligível; mais ainda – e este é, talvez, o elemento decisivo –, o seu reconhecimento permite agir adequadamente sobre o decurso dos processos conscientes, em particular no decurso da cura.⁴⁵ No § 37 das *Meditações Cartesianas*, Husserl afirma que a forma universal do fluxo temporal – Husserl chama-lhe, também, a forma da motivação que liga todos os elementos da corrente da consciência – torna possíveis as vivências que constituem o conteúdo real do Eu. Vê-se o que esta tese tem de insuficiente para a psicanálise: o conteúdo do Eu nem sempre se desenvolve como um encadeamento de actividades constituintes particulares, como Husserl admite; há que ter em consideração a existência de um passado que nunca foi presente, e de um passado capaz de investir (*besetzen*) certas representações presentes, permanecendo, com isso, indiferente à passagem do tempo.

A investigação de outros domínios da análise husserliana da vida intencional não nos conduzirá a uma maior proximidade com o pensamento de Freud. Por exemplo, tudo o que em Husserl releva do âmbito das chamadas representações vazias (*Leervorstellungen*), conceito que engloba todas as representações afectadas de um carácter vago ou de ausência de clareza; ou, então, as representações do horizonte externo de um dado objecto tematicamente visado, que se alargam até ao limite do mundo. É claro que, por vezes, é tentador proceder a certas aproximações, até porque as análises de Husserl, nisso muito próximas do estilo de David Hume, não se limitam a enunciar princípios gerais, mas registam igualmente aqueles casos que parecem contra-

⁴⁴ Rudolf Bernet, “Unconscious consciousness in Husserl and Freud”, p. 329.

⁴⁵ Cf. o ensaio “Das Unbewusste”, trad. cast. “El Inconsciente”, ed. cit., p. 2062.

dizê-los abertamente. (Freud procedia também muitas vezes assim.) Vejamos a seguinte passagem:

A cada intuição corresponde naturalmente uma representação vazia, na medida em que cada uma não desapareceu sem rasto depois do seu decurso. Aquilo que ela intuiu encontra-se agora, de modo não intuitivo, “ainda” consciente, por fim, desvanece-se certamente num vazio universal e sem distinções.⁴⁶

Poderíamos aqui recorrer ao conhecido exemplo da audição de uma melodia, de que já nos servimos anteriormente, num outro contexto. A retenção de cada uma das suas partes, à medida que vai sendo escutada, permitirá recordá-la, mais tarde, com a mesma ordenação com que essas partes se encontravam temporalmente ordenadas no momento da escuta. O “vazio”, neste contexto, não significa a completa ausência de material recordado, mas sim o facto de esse material ser desprovido de carácter intencional⁴⁷ e servir apenas para constituir a totalidade daquela experiência. A psicanálise, como é óbvio, nada terá a dizer a propósito de situações deste tipo. A psicanálise poderá mesmo agradecer à fenomenologia o facto de, ao distinguir a forma *reprodutiva* da consciência, da sua forma *impressiva*, envolvida na relação intencional com o presente vivo, ter aberto de uma forma radical a possibilidade de pensar uma dualidade no interior da consciência. (Isto porque a forma reprodutiva é um acto no qual está co-implicado um acto perceptivo passado, embora a recordação seja a recordação de um objecto visado e não desse acto.) Mas o que a psicanálise nos obriga a admitir é a existência de uma “esfera retencional reprimida”, por um lado, dotada de uma intencionalidade que não resulta somente da sua associação com o presente vivo, e, por outro, dificultando a representação dos fluxos temporais mais antigos. A uma tal esfera não nos parece que a fenomenologia husserliana tenha sabido prestar a devida atenção.

ABSTRACT

This paper addresses both the phenomenological theories of intentionality, reduction, and passive synthesis, and Freud's theory of the unconscious. Its main purpose is to develop some ideas that will allow an answer to the two following questions. First: is there anything in Husserl's phenomenology that authorizes the foundation, from a philosophical point of view, of the main psychoanalytical concepts, or at least opens the possibility of thinking them, regardless their specific therapeutically value? Secondly: is there anything in psychoanalysis that exceeds everything that both a phenomenology of the acts of consciousness and the traditional philosophical discourse say about the psyche, inducing philosophy to review its most firmly established ideas about this matter?

⁴⁶ Husserl, *Analysen zur passiven Synthesis*, *Husserliana*, Band XI, p. 72.

⁴⁷ Idem, *Ibidem*, p. 77.